



O JARDIM DE DONA DILA E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO LINGUAGEM E MEMÓRIA

Giseli Paes Rech Matuchaki¹
(giselirechfitness@gmail.com)

Introdução

Este resumo surge de um recorte de minha pesquisa de Dissertação, intitulada: “O Jardim de Dona Dila – a arquiteta das conchas”, tendo como metodologia a História Oral de Vida. Adilia da Silva Paes, moradora de Criciúma (SC), 87 anos, cria esculturas e artesanatos a partir de restos de conchas do mar e sucatas, que ornamentam seu jardim. O processo de criação e produção das obras, bem como o processo de jardinagem, é feito exclusivamente por ela. O presente estudo discute a Educação num contexto amplo, entendida como apropriação cultural de todos os indivíduos, partindo de dois eixos norteadores: como Dona Dila adquiriu seu saber e como esse saber pode comunicar na Educação para o Patrimônio.

Apresentando Dona Dila e sua obra

Dona Dila faz parte de uma família de 11 filhos, criados na roça e nas proximidades de uma mina de carvão. Ela não frequentou a escola e desde os oito anos de idade brincava nos arredores da mina, onde sua família trabalhava. Foi escolheira de carvão dos 15 aos 17 anos, quando se casou e dedicou-se às funções de dona de casa e mãe. Teve cinco filhos, sendo um, natimorto. Começou a criar suas obras no ano de 1984, após adquirir sua casa de praia. A produção de sua obra teve duas pausas, quando em 1995 perdeu um filho e, em 1992, quando ficou viúva. Na materialidade de sua obra, encontramos elementos de seu cotidiano, os conhecimentos adquiridos, desde tenra idade, em meio à sua família, aos bichos que criavam à praia que visitavam, à religião que praticavam.

Primeiramente, a obra de Dona Dila serviu a ela como um refúgio das situações difíceis da vida, como astúcia, tática, “aquilo que nos é dado dia a dia” (CERTEAU,

¹ Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC



1994). Porém, atualmente, é obra de um sujeito se posicionando no mundo, confrontando a realidade. Suas obras são singulares e de muita particularidade e, por meio destas obras a cidade comunica que a vida não é apenas trabalho, tem reverberação coletiva na qual a comunidade está se autoafirmando, sendo que, a arte dela provoca mudanças na estética do cotidiano.

Dona Dila se construiu cotidianamente no trabalho e na família. Numa retrospectiva de sua vida o trabalho é o fio condutor: trabalho de suas mãos, no cabo da enxada, na escolha de pedras ou no manejo de suas conchas. As 121 obras criadas por ela são distribuídas em: 39 quadros, 11 capelas, 65 esculturas, 3 bancos e 3 objetos revestidos.

Relação da Educação com as obras de Dona Dila

Neste trabalho destaco dois eixos de análise: como se efetivou o processo de aquisição do conhecimento de Dona Dila, por meio da educação incidental, e como suas obras comunicam na Educação para o Patrimônio.

Dona Dila teve sua formação pessoal constituída por meio de uma cultura vivida no interior da tradição familiar e a produção de suas obras deu-se por meio de experimentação.

A experiência se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho [...] O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Porém, não nas condições da ciência moderna e capitalista, porque se não ficaria uma forma utilitária [...] Assim, o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece (BONDÍA, 2002, p.26-27).

A educação, nesse caso, é especialmente entendida como a produção cultural de sujeitos históricos, como busca de liberdade e autonomia. Freire (1967), quando fala em educação para a liberdade, não desvincula da ideia de educação o saber popular e as produções artístico-culturais. Nesse sentido, de apropriação cultural, buscamos embasamento em Abragnano e Visalberghi (1981, p. 15) quando dizem que:

O caráter mais geral e fundamental de uma cultura é ela deve ser aprendida, isto é, de qualquer modo transmitida e apreendida. Exatamente porque um grupo humano não pode sobreviver sem a sua cultura (a menos que assuma uma cultura diferente mais eficaz ou igualmente eficaz, caso em que mudará correspondentemente a sua natureza agregativa), o interesse fundamental do grupo está em que a cultura não se disperse ou não se olvide, mas seja transmitida das gerações adultas às gerações mais jovens de modo que estas venham a ser igualmente capazes de adotar os



instrumentos culturais e tornem assim possível a continuação da vida do grupo. Esta transmissão é a educação.

Não se trata de transmissão no sentido do imediato, mas no sentido de transmitir o que foi historicamente constituído, para que o sujeito se aproprie dos elementos já encontrados e, numa relação dialética, os transforme e se transforme nesse processo, criando assim, novos elementos. Essa educação acontece a todo momento, não se restringindo à educação formal.

O segundo eixo desta pesquisa refere-se ao entendimento de como a obra de Dona Dila pode contribuir para a Educação para o Patrimônio. Até o presente momento, desta pesquisa que, ainda está em andamento, constato que a arte de Dona Dila contribui para a educação no que se refere à produção da cultura, de uma cultura popular, historicamente sendo produzida por pessoas comuns.

Dona Dila transforma suas ideias em obras, em novas combinações. Faz jardinagem, recicla sucatas. Aprecia a natureza e aprende com ela. Transmite o que aprendeu para novas gerações. Além de criar e produzir suas obras e jardinagem, tem suas próprias maneiras de tratar doenças, benzer, cozinhar, contar estórias e fazer arte. Faz intercâmbio ativo com práticas educacionais mais amplas quando recebe alunos de diversas instituições que visitam sua propriedade, conhecem seu trabalho e a entrevistam. Utiliza-se da memória para contar histórias e fazer narrativas. Faz cultura. Faz educação.

Considerações Finais

Para analisar o conjunto das obras, partimos da discussão que envolve a arte do saber fazer, as influências da educação familiar e religiosa em sua trajetória de vida, visto que ela não teve acesso à educação formal. Sem ler, escrever ou estudar, ela desenvolveu seu olhar estético. Construindo a partir de “restos” e o resultado, e exibindo-as em sua propriedade, interior da casa e jardim. Destacam-se nas obras de Dona Dila os temas religiosos e relacionados à natureza; as cores prata, dourado, verde, azul e vermelho. Possuem dimensões variadas, assim como também há uma variedade de materiais e técnicas. As esculturas de tamanhos maiores são feitas totalmente pela artista, desde a base com tijolos e cimento. Toda a sua propriedade possui elementos paisagísticos (em seu jardim) e decorativos (no interior de sua residência), sendo que todas as técnicas envolvidas surgiram da experimentação, da arte de saber fazer de Dona Dila. Esta pesquisa não aprofunda a questão da categoria de arte em si, ficando como sugestão para pesquisas futuras. O que importa, aqui, independente do fator artístico, que, visivelmente



se apresenta nas obras de Dona Dila, é deixar claro que este trabalho trata de “restituir importância ‘científica’ ao gesto tradicional” (CERTEAU, 1994, p. 153). As obras de Dona Dila aproximam-se mais uma vez de Certeau quando este diz que o “trabalho com ‘sucata’, é exemplo contemporâneo de uma tática cotidiana” (CERTEAU, 1994, p.147). Dona Dila foi uma criança que brincou ao ar livre, na natureza e em meio às sucatas e, no decorrer de sua vida, transformou essas experiências em elementos formadores de sua arte, tanto nas obras com sucatas e restos de conchas quanto nos aspectos paisagísticos, na sua jardinagem. Sua obra, além de decorativa, deixa ressonâncias em quem a observa, encanta a todos de alguma forma e vislumbramos que as obras de Dona Dila contribuem para a História e cultura local e para a Educação para o Patrimônio, sendo que, a sequência deste trabalho se dará no sentido de pontuar de que forma isso poderá ocorrer.

Referências

ABRAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, Aldo. **História da Pedagogia**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1967.